

**INSTITUIÇÕES ESCOLARES E PANDEMIAS:
A GRIPE ESPANHOLA NA CIDADE DO RIO DE JANEIRO
(1918) E A COVID-19**

**SCHOOL INSTITUTIONS AND PANDEMICS:
THE SPANISH FLU IN THE CITY OF RIO DE JANEIRO (1918)
AND COVID-19**

**INSTITUCIONES ESCOLARES Y PANDEMIAS:
LA GRIPE ESPAÑOLA EN LA CIUDAD DE RÍO DE JANEIRO
(1918) Y COVID-19**

Ademir Valdir dos Santos

ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-5958-689X>

Edvaldo Souza Couto

ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-2648-9399>

Resumo: O estudo analisa as pandemias da gripe espanhola de 1918, na cidade do Rio de Janeiro, e da atual Covid-19, mediante aspectos do contexto brasileiro, focalizando o funcionamento escolar e ações para enfrentá-las nos primeiros meses. A metodologia é simultaneamente embasada em pesquisa documental, com o uso de textos de jornais contemporâneos a cada um dos períodos pandêmicos, e na investigação bibliográfica. Os resultados destacam que, na epidemia da gripe espanhola, um conjunto de escolas municipais foi transformado em postos de socorro, com protagonismo dos professores na assistência sanitária à população. Durante os primórdios da epidemia da Covid-19, instituições foram fechadas e passaram a oferecer o ensino remoto. As conclusões sublinham transformações nas finalidades sociais escolares e o protagonismo docente em ambos os períodos.

Palavras-chave: Instituições educativas brasileiras. Saúde e Educação. Doença Epidêmica.

Abstract: The study analyzes the Spanish flu pandemic of 1918, in the city of Rio de Janeiro, and of the current Covid-19, through aspects of the Brazilian context, focusing on school functioning and actions to deal with them in the first months. The methodology is simultaneously based on documentary research, using texts from contemporary newspapers from each of the pandemic periods, and on bibliographic research. The results highlight that, in the Spanish flu epidemic, a group of municipal schools were transformed into emergency posts, with teachers playing a leading role in health care for the population. During the beginnings of the Covid-19 epidemic, institutions were closed and offered remote education. The conclusions underline transformations in the school social purposes and the teaching protagonism in both periods.

Keywords: Brazilian educational institutions. Health and Education. Epidemic Disease.

Resumen: El estudio analiza la pandemia de gripe española de 1918, en la ciudad de Río de Janeiro, y del actual Covid-19, a través de aspectos del contexto brasileño, enfocándose en el funcionamiento escolar y las acciones para enfrentarlos en los primeros meses. La metodología se basa simultáneamente en la investigación documental, utilizando textos de periódicos contemporáneos de cada uno de los períodos pandémicos, y en la investigación bibliográfica. Los resultados destacan que, en la epidemia de gripe española, un grupo de escuelas municipales se transformó en puestos de emergencia, con los docentes como protagonistas de la atención de la salud de la población. Durante los inicios de la epidemia de Covid-19, las instituciones se cerraron y se ofreció educación a distancia. Las conclusiones subrayan las transformaciones en los propósitos sociales de la escuela y el protagonismo docente en ambos períodos.

Palabras clave: Instituciones Educativas Brasileñas. Salud y Educación; Enfermedad Epidémica

INTRODUÇÃO

Como nos lembram Nascimento et al. (2018, p.32), ao falar das doenças sob perspectiva histórica, “Nas últimas décadas, o indivíduo emergiu na historiografia das doenças, como protagonista de sua experiência de doença. [...] as doenças tornaram-se objeto para a história, [...] em especial os acontecimentos coletivos que alteram a dinâmica social, a exemplo das epidemias.”

Praticamente um século depois da gripe espanhola se espalhar pelo Brasil, o que ocorreu a partir do mês de setembro de 1918 e teve seguimento até os primeiros meses do ano seguinte, quando aquela pandemia arrefeceu, fomos atingidos por um novo ciclo pandêmico, agora com a disseminação da Covid-19 (*coronavirus disease*), originado em 2020 e que teve o primeiro caso confirmado em 26 de fevereiro, em meio a um contexto que atingia todos os continentes. De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), a Covid-19 é uma infecção viral cuja transmissão ocorre por meio de gotículas eliminadas pelos contaminados, principalmente ao tossir, espirrar e falar, sendo que a maioria dos infectados pode desenvolver problemas respiratórios leves ou moderados (*WORLD HEALTH ORGANIZATION [WHO], 2020*). Mas, em certos casos, esse quadro pode se agravar, exigindo tratamentos em unidades de terapias intensivas. Contudo, considerável número dentre as pessoas com sintomas graves morre. Como não existe tratamento específico e de eficácia garantida, a recomendação é a prevenção. E no Brasil as vacinas são recentes e ainda para poucos.

O medo da doença e da morte modificou radicalmente os modos de vida em toda parte. Nos primórdios da pandemia, sem vacinas ou medicamentos eficazes, fronteiras aéreas, terrestres e marítimas foram fechadas. No campo da economia, indústrias alteraram modos de produção, o comércio cerrou as portas, viagens a trabalho e de lazer foram canceladas e nos meios recreativo-culturais, atividades de entretenimento e esportivas foram interrompidas. Por todo o globo, instituições escolares suspenderam o atendimento presen-

cial. Tudo isso para evitar a aglomeração de pessoas, que foram orientadas por governos e agentes de saúde a adotarem o *distanciamento social* ou, em alguns casos, o *isolamento*¹.

Diante disso, queremos enfatizar que cabe um exame dos efeitos dessas duas pandemias nas instituições escolares. Esclarecemos, no entanto, que embora nutridos pela perspectiva histórico-educacional, não constituímos um estudo comparativo entre dois períodos. Primeiro, porque a gripe espanhola, que teve como epicentro a cidade do Rio Janeiro, afligiu a população por poucos meses, enquanto o ciclo histórico relacionado à Covid-19, com os seus desdobramentos, respostas das ciências visando à prevenção e a cura e, ainda, a adoção de políticas públicas de combate à disseminação e controle, perduram por mais de 20 meses. E também porque somos movidos pelo escrutínio dos processos que atingiram instituições escolares nos primórdios dessas pandemias: no caso da gripe espanhola, trazendo elementos dos contextos social, político, econômico e tecnocientífico à época, que emolduram as respostas de um ambiente educacional específico, a cidade do Rio de Janeiro; e no que se refere à pandemia da Covid-19, embora sem desconsiderar o *continuum* histórico, atentamos aos primeiríssimos meses, em que as marcas da incerteza e indefinições eram a tônica, com repercussões nas medidas de enfrentamento da doença que atingiram o sistema educacional.

Destarte, corroboramos com perspectivas historiográficas sobre as instituições escolares, defendendo que o tratamento de problemáticas de pesquisa relacionadas aos processos educativos instituídos indica um revigoramento do tratamento da escola como objeto.

Vê-se, então, que as pesquisas histórico-educacionais têm muito a nos dizer sobre a educação no Brasil. A educação brasileira, ré de tantas acusações, inclusive de historiadores, necessita de uma linha de defesa... Com a palavra os historiadores da educação. Querem eles advogar a causa da educação brasileira? Para responder afirmativamente, basta serem simplesmente historiadores. A história e a historiografia possuem virtudes formativas intrínsecas, não carecendo de justificativa externa. [...] Eis aí o princípio educativo que deveria presidir a organização das instituições escolares na atualidade: a radical historicidade do homem. (SAVIANI, 2008, p. 162)

Partindo dessa premissa, o objetivo do artigo é analisar as pandemias da gripe espanhola, na cidade do Rio de Janeiro, e da Covid-19, mediante aspectos do contexto brasileiro, focalizando o funcionamento escolar e ações para enfrentá-las nos primeiros meses. A metodologia está embasada na conjugação de dois aportes: pesquisa bibliográfica (SALVADOR, 1970) e documental (CELLARD, 2008), com o uso de matérias do Correio da Manhã, publicado na cidade do Rio de Janeiro, e de jornais brasileiros publicados a partir

1 “Distanciamento social é a diminuição de interação numa comunidade para diminuir a velocidade de transmissão [...] São exemplos de distanciamento social ampliado: o fechamento de escolas [...], o cancelamento de eventos e de trabalho em escritórios e o estímulo ao teletrabalho [...]. Isolamento é uma medida que visa separar as pessoas doentes [...] das não doentes (TELESSAÚDERS, 2020).

de fevereiro de 2020. Dialogamos com a afirmação de Carvalho et al. (2002, p.72): “Portanto, o rigor científico, na análise dos artigos dos jornais, conduz-nos a indagações sobre aspectos subjetivos e dos interesses que os direcionaram, ou ainda, a quem interessava aquelas interpretações da realidade”. As análises consideram o impacto das pandemias nos ambientes políticos, econômicos e socioculturais, influenciando nas práticas educativas no ambiente escolar.

A GRIPE ESPANHOLA: QUININO, LIMÃO, CANJA DE GALINHA E OVOS

No início do século passado, os anúncios de medicamentos para as doenças do sistema respiratório humano eram abundantes na imprensa brasileira. *Capsulas antigripaes*, xaropes, elixires, peitorais e pastilhas com composição variada estavam à disposição nas farmácias, prometendo o conforto e a cura da diversidade de moléstias que acometia idosos, adultos e crianças. O sofrimento trazido com as dores no peito, a tosse, a congestão e a constipação nasal, as dores de cabeça e a febre – fatores associados à gripe ou *influenza* –, encontraria, na farmacologia desenvolvida até então, o acesso ao restabelecimento obtido, graças aos avanços da ciência.

A archaica pharmacia caseira com suas ervas, pílulas e cataplasmas, na sua maior parte de valor muito duvidoso, tem-se aperfeiçoado hoje em dia, pois a ciência moderna preparou, em formas comprimida e manual, um remédio de efficacia maravilhosa contra dores de toda a espécie, gripe, febre, etc. Este remédio é constituído pelos **COMPRIMIDOS “BAYER” DE ASPIRINA** (A ARCHAICA..., 1913, p.9, grifos do autor).

Estamos em setembro de 1918. As capas dos principais periódicos do Brasil estão ocupadas por manchetes sobre a I Guerra Mundial. Não bastassem as notícias de manobras nas batalhas, o carioca Correio da Manhã, de publicação diária e um dos mais lidos do país, assustou os brasileiros com a manchete do dia 22:

A “INFLUENZA HESPANHOLA” IRROMPEU NOS NAVIOS BRASILEIROS EM OPERAÇÕES DE GUERRA

Quase todos os vapores que chegam da Europa trazem agora noticias alarmantes de uma molestia de character epidêmico, que teve sua origem em terras de Hespanha e que nesse paiz está grassando intensivamente.

Trata-se da “influenza hespanhola”, que tem ceifado quasi fulminantemente innumeras vidas.

O Exercito e a Marinha de Espanha, já contam milhares de baixas, cerca de 34.000 victimas.

Ainda não há muito noticiavamos que a “influenza”, que na Hespanha também cognominaram “la dansarina”, victimou só em Madrid, há dois ou tres mezes, cerca de 600 pessoas, das quaes a maior parte pertencia á própria classe medica. (A “INFLUENZA HESPANHOLA”..., 1918, p.1).

Mais adiante, a matéria conta que *la dansarina* havia atingido brasileiros em viagem. Indica, ainda, que Dakar era o que se denomina de *epicentro* mundial da doença, que a ameaça era iminente e que, se chegasse até nós, ela viria singrando as águas do Atlântico. Justamente por tal motivo, a Marinha havia contatado a direção de Saúde Pública para que ações preventivas fossem tomadas.

Irrompendo a dita “influenza” naquelle porto francez da Africa, e se tendo propagado por diversos navios de guerra das esquadras alliadas, houve tambem casos do mesmo mal entre as guarnições dos navios da divisão naval brasileira [...] que havia fundeado no mesmo porto.

Diversos tripulantes foram atacados a bordo dos nossos navios, e, principalmente entre o pessoal das machinas, officiaes e foguistas.

[...] O almirante Alexandrino de Alencar teve hontem uma conferencia com o dr. Carlos Seidl, director de Saude Publica, ficando combinadas varias medidas para o completo isolamento dos nossos portos (A “INFLUENZA HESPAÑHOLA”..., 1918, p.1).

O fato é que tanto a população leitora do Rio de Janeiro, como os assinantes do Correio da Manhã de fora da capital, passaram a conviver com anúncios diários sobre a doença que emergia. Dentre os sintomas da *influeza* espanhola se elencavam a sensação de prostração profunda, o desalento e a insônia, que tornavam o doente incapaz de qualquer esforço físico ou mental. Relacionavam-se ao quadro vertigens, palpitações, dores musculares e nas articulações. Sobre os sintomas respiratórios, aludia-se à tremedeira conjugada à sensação de frio nas fossas nasais e à formação de catarro nas mucosas, que se propagam até as conjuntivas pelas vias lacrimais, deixando-as roxas e inchadas.

Segundo a imprensa, o pouco cuidado dos portugueses seria o responsável pela chegada ao Rio de Janeiro do infectado pacote inglês *Demerara*. Dentre esses chegados, dois já estariam mortos, sem que a Saúde Pública local soubesse (AINDA O TERRÍVEL MAL..., 1918, p. 3). Segundo o doutor Carlos Chagas, conhecido médico e sanitarista, que se dedicou à saúde pública nas primeiras décadas do século passado, até aquele momento só era possível um parecer provisório:

Provisoriamente se poderá dizer que a *influenza hespanhola*, se afigura a febre “Papaticce”, muito conhecida da Europa, cujas consecuencias porém, não são de absoluta gravidade.

[...] - Necessario, se torna que, desde já, seja tomadas differentes medidas pelo Governo, entre as quaes a de desinfectar com o maior cuidado todos os navios procedentes da Europa, assim como proceder a rigorosa fiscalisação entre os respectivos passageiros, cujas roupas e bagagens deverão ser, também, convenientemente desinfectadas. (A “INFLUENZA HESPAÑHOLA”..., 1918, p. 1).

A imprensa foi imediatamente utilizada para noticiar remédios. Um impresso sublinhava afiançadas recomendações da *hepatolaxina* para a *influenza hespanhola*: “Diz o

Illustre Director de Saúde Publica: ‘trazer o aparelho digestivo regulado é uma das condições contra esta molestia e grande numero de attestados de eminentes professores da Faculdade de Medicina e illustrados Clinicos já conta a HEPATOLAXINA em sua colecção’” (HEPATOLAXINA..., 1918, p. 3). Mas até então essa medicação aparecia nos reclames como indicada para apendicites, prisão de ventre, dispepsias e ingurgitamento do fígado. Anúncios aconselhavam o uso de fortificantes; havia recomendações quanto aos cuidados pessoais e para o convívio social: “Como sempre em tempos de epidemia, deverá ter-se **muito cuidado na hygiene, evitar as aglomerações**, as fadigas excessivas, os excessos de qualquer genero que seja, andar bem agasalhado, evitar apanhar frio e constipar-se” (INFLUENZA HESPAÑOLA, 1918, p. 6, grifo nosso).

A epidemia se alastrava. No Exército, grande número de soldados tinha necessidade de atendimento no Hospital Central. Faltavam camas para todos e foi preciso colocar colchões no chão das enfermarias, sendo que “[...] o numero de grippados já attinge a mil”; muitos funcionários da Polícia Marítima também adoeceram e, em Niterói, os casos aumentavam diariamente, atingindo também o quartel da Força Militar do Estado, sendo que o hospital de Isolamento no Barreto já havia excedido a lotação (A “GRIPPE” NOS NOSSOS QUARTEIS..., 1918, p. 3). Apareceram vários casos de gripe nas fortalezas de São João e de Santa Cruz, no Forte de Copacabana, na 3ª divisão do Quartel General, na 6ª brigada e no 52º batalhão, atingindo o assustador número de 500 infectados entre a 5ª brigada de infantaria localizada na Vila Militar. E mais: “A ‘GRIPPE’ ALASTRA-SE. Vinte mil pessoas attingidas pela epidemia. Raramente se encontrara hoje uma casa onde não haja um grippado” (A “GRIPPE” ALASTRA-SE..., 1918, p. 1). Segundo alardeava uma emblemática manchete, em 15 de outubro, a epidemia causava a sensação de que o Rio de Janeiro havia se transformado num imenso hospital.

A gripe alastrou-se. Tomou conta do Rio. Fecham-se estabelecimentos comerciais. Cerram-se oficinas. Ha doentes, em toda a parte, graves uns, outros não. Tem, a epidemia, porém, caracter tão grave, que autorize o abandono da cidade, tornando a Avenida quasi morta, deixando os bars sem movimento, as casas de espectaculo ás moscas, os cinemas vassios (A EPIDEMIA..., 1918, p. 1).

Verificamos, ainda, que a narrativa do diretor da Saúde Pública do Rio, Carl Seidl, buscava afastar o “terror” da epidemia:

A benignidade, geralmente reconhecida na gripe, não justifica o terror que por vezes se apodera de algumas pessoas, diminuindo-lhes a resistencia organica e abrindo as portas á infecção.
Não ha temer. O que existe é muito terror...
A população do Rio que se precavenha. É o conselho geral.
A maxima hygiene, e os preservativos aconselhados são a receita de todos os medicos.

A gripe não merece receios, mas cuidados. Hygiene, a maxima hygiene, e o isolamento natural, que toda a epidemia aconselha – o retraimento das agglomerações, sejam ellas quaes forem. (A EPIDEMIA..., 1918, p. 1).

Com tal discurso, oriundo da esfera pública, as pessoas passaram a se ocupar, ainda mais, tanto das atitudes de prevenção como da busca pela cura a qualquer preço.

O Exmo. Snr. Dr. Carlos Seidl, [...] chega á conclusão de que, para defender a população da pandêmica, gripe, (influenza hespanhola), importa, sobretudo, cuidar da prophylaxia individual, para cujo effeito recommenda em primeiro logar, A ANTI-SEPSIA DA BOCCA E DAS FOSSAS NASAES. Ora, como O PROVAM INNUMEROS MEDICOS, ALEM DO PUBLICO CULTO, nada eguala, em seus effeitos, como antiseptico e desinfectante das mucosas, o original e preciosissimo “ESPECIFICO LIQUIDO CALMETTINA”. (AOS SNRS. MEDICOS, 1918, p.7).

Compostos contendo *quinino*, substância extraída da planta denominada quina, conhecida por suas ações antitérmicas e analgésicas e utilizada no tratamento da malária, passaram a ter grande procura nas farmácias. Parecia admissível que cada um faria o que estivesse ao seu alcance para não adoecer: ora pautando-se por recomendações de base científica, recorrendo às cápsulas de quinino ou, noutros casos, indo ao encontro do conhecimento popular. Rapidamente correram os boatos de que galinhas, ovos e limões eram alimentos adequados para enfrentar a doença. A procura aumentou e os preços dispararam.

Aproveitando-se das circunstancias especiaes do momento, alguns commerciantes sem escrupulo estão extorquindo do povo os ultimos vintens.
Por uma gallinha, pedia-se hontem 8\$ e 10\$000 réis. E por uma garrafa de leite 3\$, exigiam alguns leiteiros, sob a allegação de que so havia leite para a freguezia...
Um frango, pequeno, era vendido por 3\$ e 4\$000 réis, não havendo tambem nas quitandas limão, por pequeno que fosse, que não custasse 500 réis. (A EPIDEMIA DE “GRIPE” CONTINÚA..., 1918, p. 1).

Este texto acresce que a escassez de leite e o consumo de carnes brancas geravam abusos e evidenciavam a desigualdade econômica: “[...] se um freguez se revolta e protesta, outro a seu lado adquire o genero e ainda fica agradecido”; mais que isso, o fechamento de muitos armazéns que negociavam galinhas, ovos e legumes, “[...] faz com que os que ainda negociam tenham oportunidade de exigir o que bem entendem”, a despeito da existência de um Comissariado de Alimentação Pública que havia sido criado para combater esse tipo de problema (A EPIDEMIA DE “GRIPE” CONTINÚA..., 1918, p. 1). As galinhas passaram a objeto de disputa. Servir uma canja não configurou apenas uma demanda dos lares, mas também dos hospitais. Vejamos os apelos: “Foram requisitadas todas as galinhas que havia em S. Diogo para os doentes do Hospital São Sebastião” (GALLINHAS..., 1918, p.2). E uma das preocupações do Comissariado de Alimentação passou a ser com a

disponibilidade de galinhas e ovos: “O commissariado tem recebido muitas propostas para fornecimento de ovos e galinhas de criadores do interior, que têm telegraphado perguntando se aquella repartição paga o mesmo preço que lhe dão os negociantes” (OS CRIADORES..., 1918, p.1). A situação envolvia a administração pública, os comerciantes e os clientes, todos destemperados:

Um dos nossos companheiros dirigiu-se á tarde á praça do Mercado. [...] - Póde-se arranjar uma gallinha boa; não se faz questão de dinheiro.

- Gallinhas, respondeu o dono da casa. Isso é muito difficil. Inda que o senhor queira dar dois contos não encontraria uma gallinha em todo o mercado.

- O Commissariado toma conta de tudo; manda os policias para aqui, o povo invade-me a casa, não dá tempo de levar as gallinhas para dentro nem de “suparar” as marcas, rasga as fardas dos soldados, arrebenta os jacás, carrega com as gallinhas e o dinheiro não aparece. A “gente” não suspende os pedidos, mas como os lá de fóra, não vêm o dinheiro, não mandam mais nem gallinhas nem ovos. O Commissariado toma conta, mas quem é que lh'o paga? (PROCURANDO..., 1918, p. 1).

Portanto, a atuação do Commissariado, mesmo que pretensamente agindo em benefício do povo, transformava as operações de venda de galinhas, antes simples e corriqueiras, em situações de conflito.

O Commissariado não permittiu que hontem, se fizesse a venda de gallinhas na estação de S. Diogo.

Apezar dos formidaveis cartazes contendo essa resolução e affixados nos muros daquelle departamento da Central, ás cinco horas, grande já era o numero de populares aguardando a abertura dos portões para a compra de aves.

O trem especial, formado na Barra do Pirahy, para o transporte das gallinhas, chegou em S. Diogo trinta minutos depois da meia-noite, terminando a descarga ás 2 horas, sobre ás vistas de um contingente de dez praças de cavallaria de policia, requisitado pelo agente, para prevenir qualquer insania popular, como ante-hontem succedeu.

A's 6 horas abriram-se os portões e a massa popular movimentou-se para entrar, no que foi obstada pela policia, cuja guarda já estava reforçada por mais trinta praças de infantaria. (A VENDA..., 1918, p.1)

Condição excêntrica: galinhas viajando de trem especial, escoltadas por cavalaria e infantaria; mas a bizarrice ganhou novos contornos com as aves admitidas como passageiros dos bondes: “Havendo escassez de bondes bagageiros e mixtos o prefeito providenciou junto á Light para que a mesma empresa permita a conducção de gallinhas e verduras nos bondes de passageiros” (OS BONDES..., 1918, p. 3).

E além das aves e ovos, outro produto passou a ser disputado: o limão.

Desde que, entre os conselhos médicos, foi recomendado o uso do limão como preservativo da gripe, esse fruto subiu de preço de um modo revoltante. Os açambarcadores, sem o menor espírito de humanidade para com a população carioca, viram no limão mais um elemento merecedor de sua gananciosa exploração. (O LIMÃO..., 1918, p. 1).

Os registros de problemas de subsistência da população estão de acordo com pesquisas que analisaram o impacto social da gripe espanhola na cidade do Rio de Janeiro, também buscando a abordagem da imprensa. Destacamos as análises de Brito (1997), segundo as quais a elevação do custo de vida foi objeto de muitas reclamações. Tudo isso nos mostra que, além das questões de prevenção e contágio que afetavam o cotidiano, se edificava uma crise na administração governamental.

Então, ao considerarmos o uso de medicamentos pela população num momento histórico de pandemia – incluindo tanto a prescrição a automedicação –, assim como a circulação e o compartilhamento de informações sobre os eventuais efeitos preventivos e terapêuticos de remédios e práticas alimentares, temos mais uma componente que não somente incide nos contextos, mas também pode ser vinculada ao funcionamento das instituições sociais. E se no caso da gripe espanhola de 1918, o quinino, o limão, a canja de galinha e ovos foram motores de uma busca por restabelecimento da saúde associada ao senso comum, na contemporânea pandemia da Covid-19, tanto a prescrição médica como a automedicação são fenômenos que merecem atenção. Pois conforme Melo et al. (2021), durante a vigência da pandemia do coronavírus passamos por uma “infodemia”, embasada pelo acesso a diversas mídias, o que, paradoxalmente, gerou desinformação e irresponsabilidade na utilização de medicação pela população e outros agentes de saúde.

“Infodemia” é o termo associado ao compartilhamento excessivo de informações não homogeneamente acuradas, em resposta a uma situação aguda como a atual pandemia, e amplificado pelos eficientes e múltiplos meios de divulgação e pelo medo coletivo. Entre as suas consequências podemos citar a dificuldade em triar fontes idôneas, a amplificação de rumores e a desinformação, a manipulação de informações com diferentes interesses, o consumo em massa e rápido de notícias falsas, tanto pela população quanto por profissionais de saúde. Como exemplo, podemos lembrar a ampla divulgação de matérias relacionadas às diferentes formas de tratamento da COVID-19 durante a vigência desta pandemia, embora sem requisitos mínimos científicos de segurança, eficácia ou efetividade. Como resultado observamos estímulo coletivo ao uso irracional/irresponsável de medicamentos, seja atendendo a prescrições médicas por vezes não baseadas em evidências ou a automedicação. (MELO et al., 2021, p.1).

Como indicado, lembramos do padrão de consumo de medicamentos no Brasil em tempos de Covid-19, que conectou, numa amálgama “infodêmico”, o chamado “tratamento precoce” ou “kit-covid”, cuja prescrição e utilização foram disseminadas e incentivadas nas mídias sociais como *Whatsapp*, *Facebook* e *Instagram*, atingindo a população por meio de

profissionais da área médica, autoridades públicas e até mesmo nas páginas oficiais do Governo Federal, do Ministério da Saúde e de Secretarias de Saúde: “[...] uma combinação de medicamentos sem evidências científicas conclusivas para o uso com essa finalidade, que inclui a hidroxicloroquina ou cloroquina, associada à azitromicina, à ivermectina e à nitazoxanida, além dos suplementos de zinco e das vitaminas C e D” (MELO et al., 2021, p.2). E a mesma natureza da “quina” de um século atrás e da hodierna “cloroquina” salta aos olhos quando de uma análise crítica de base científica sobre seus efeitos.

A GRIPE ESPANHOLA: ESCOLAS COMO POSTOS DE SOCORRO

Tratamos agora das interferências da propagação da gripe espanhola no funcionamento de um conjunto específico de escolas.² Privilegiamos a análise dos efeitos da epidemia na infraestrutura de atendimento, nas questões didático-pedagógicas e na vida dos atores educativos, principalmente dos professores.

Uma das primeiras referências consta da edição do Correio da Manhã de 12 de outubro de 1918:

A gripe já começa a se manifestar nas Escolas Publicas.
Os primeiros casos aconteceram no grupo escolar Benjamim Constant.
Nove professoras já foram acometidas e alumnas também, tendo diminuído muito a frequencia de alunos.
Nas escolas Alvaro Batista, Tiradentes, Rivadavia Corrêa, Escola de Applicação e Instituto João Alfredo manifestaram-se tambem varios casos. (NAS ESCOLAS MUNICIPAES, 1918, p.3).

Também há dados sobre o possível fechamento da Escola Normal de Niterói: “Na Escola Normal enfermaram muitas alumnas, sendo bem possivel que o governo fluminense ordene o fechamento daquelle estabelecimento de instrucção” (EM NICTEROY, 1918, p. 3). No noticiário de 14 de outubro localizamos dados referentes a uma escola profissionalizante, onde dezenas de estudantes haviam sido contagiadas: “O Instituto Profissional João Alfredo suspendeu as suas aulas até o dia 21 do corrente, tendo sido mandados os alunos internos para as residencias de suas famílias. [...] foram atacados de gripe sessenta e oito alumnos. (O INSTITUTO..., 1918, p. 1).

A imprensa continuava a publicar, diariamente, notícias sobre a chegada da gripe às escolas, que atingia alunos e professores. E lançava questionamentos sobre a ação do Diretor Geral de Saúde Pública, exprimindo desacordo com a postura da autoridade sanitária

² Temos clareza de que o uso de prédios escolares e de docentes não é único, pois há dados sobre práticas congêneres em outros espaços, não somente no Rio de Janeiro, mas noutras localidades. O estudo dessa finalidade, assim como da presença de professores na assistência social e no apoio aos médicos alocados em escolas, busca trazer luzes sobre um fenômeno diverso do fechamento das instituições.

que minimizava o mal que se alastrava. Mas o aumento no número de professores e alunos doentes desmentia os discursos oficiais e resultou em novas medidas. Em 16 de outubro o periódico carioca apresentava: “O prefeito manda fechar as escolas publicas, e a Saude Publica, de hoje em diante prestará socorros a domicilio” (A EPIDEMIA DE “GRIPPE”..., 1918, p.1). Outros dados dessa edição davam conta do fechamento da Escola Militar do Realengo, com a impactante notícia da conversão dos espaços de aula em enfermarias.

A Escola Militar do Realengo tem sido afetada pelo mal. Há ali uns duzentos alumnos atacados. Os nossos **jovens militares estão sendo recolhidos às salas de aulas, transformadas em enfermarias.**

A Escola foi fechada, no seu funcionamento de aulas, por absoluta impossibilidade de continuar. (A ESCOLA MILITAR..., 1918, p. 3, grifos nossos).

Constatamos também a presença de relatos sobre os efeitos da doença no funcionamento de outras instituições:

- Em virtude da epidemia e porque já sejam consideráveis os seus casos, entre alumnos e professores, a directora do Lyceu de Artes e Officios, desta capital, deliberou suspender desde hoje o funcionamento geral de suas aulas e officinas, até que cesse, ou pelo menos se torne menos frequente essa epidemia.
- A directora da 3ª escola masculina do 3º. Districto, suspendeu hontem, ao meio dia, as aulas e offiou ao Inspector, devido a ter havido varios casos de influenza em sua escola.
- Devido á epidemia reinante, a directoria da Escola Parochial de S. José, no Engenho de Dentro, resolveu suspender por quatro dias as aulas na referida escola. (VARIAS..., 1918, p.3).

Porém, em meio ao caótico cenário que fincava raízes, surgiram as alvissareiras notícias sobre a criação de um organismo que mobilizaria as escolas na batalha contra a gripe espanhola. Trata-se da instalação de “postos de socorro” nas instituições vinculadas à Prefeitura do Rio de Janeiro, comunicada pelo Correio da Manhã na edição de 16 de outubro. “O prefeito da cidade resolveu crear em todas as agencias da Prefeitura e **em cada uma escola dos districtos**, postos de socorro” (AS PROVIDENCIAS..., 1918, p.3, grifo nosso). Contudo, cabe explicar que essa providência veio a se somar à criação dos chamados “postos-hospitais”, que foram instalados em hospitais, clínicas e consultórios preexistentes, geralmente sob a coordenação de médicos (O PRESIDENTE..., 1918, p.1). Os postos de socorros escolares implicaram em outro tipo de atendimento à população, em que se somava a ação dos professores e diretores das escolas àquela de médicos. Ou seja, a política de estabelecimento de postos de socorro, seja nas escolas municipais ou noutras instalações da cidade, foi conduzida pela adesão de profissionais da saúde: “Muitos têm sido os offerecimentos de medicos que foram procurar o prefeito para organizar postos de socorro em diversos pontos da cidade” (OS POSTOS..., 1918, p. 3). Também mereceram

atenção os critérios para distribuição dessas unidades na cidade: “O director da Saude Publica mandou que os serviços de soccorro fossem intensificados mormente nos subúrbios da Central, onde o numero de doentes é ainda elevado. [...] foram enviados varios medicos e remedios para Irajá e Inhauma, Meyer e Piedade” (SOCCORROS..., 1918, p.1).

Observada a edição de 27 de outubro, verificamos a proposição de tarefas que atribuíram, tanto às escolas como a alguns de seus atores internos, uma nova finalidade naqueles dias de pandemia, o que destaca o protagonismo dos professores diante a decisão de transformar as unidades escolares em postos de socorro, a princípio para atendimento da infância: “O director da instrucção publica convocou para hoje, ás três horas da tarde, no salão nobre daquella directoria, uma reunião dos inspectores escolares e professoras cathedricas, afim de tratar da installação dos postos de soccorros para attender a população infantil” (REUNIÃO..., 1918, p.1).

Reportes dessa natureza nos mostram que o professorado assumiu uma atribuição central na prevenção à epidemia de gripe espanhola. Notícia de 2 de novembro, por exemplo, apresenta uma síntese elogiosa do papel que os inspetores, professores e adjuntos atuantes nos 39 postos de socorro distribuídos pelos diversos distritos escolares realizavam sob a batuta da Diretoria Geral de Instrução Pública, detalhando as ações dos postos da Escola João Pinheiro, da rua São Carlos, da escola masculina do 14º. Distrito de Cascadura, da Escola Diogo Feijó e da Escola Rivadávia Corrêa, toda empenhadas na arrecadação e distribuição de alimentos e artigos para socorros médicos (A EPIDEMIA, 1918, p.3). É o caso emblemático da professora que dirigia o Instituto Orsina da Fonseca, Amélia Quintas:

Essa senhora não se afastou do instituto, e, auxiliada por medicos, tratou, desveladamente, das creanças. Não parou ali, porém, o **esforço da digna educadora**. Sabendo das necessidades que existiam em toda a cidade, arrabaldes e suburbios, onde famílias enfermas se viam a braço com a maior miseria, sem medicamentos, e sem generos para alimentação, tomou a si, generosamente, o encargo de mitigar uma particula desse soffrimento geral.

[...] **creou no Instituto Orsina da Fonseca um posto de soccorros, para a distribuição de alimentos ás pessoas necessitadas**. (POSTO DE SOCCORRO NO INSTITUTO..., 1918, p.1, grifos nossos).

Há elogios quanto à atuação de professores, que destacam tanto o desvelo para com os estudantes doentes desde os primeiros dias da epidemia quanto a ampliação do atendimento às populações do entorno da escola. A professora Amélia Quintas é apresentada como um modelo de dedicação e generosidade para crianças que frequentavam a instituição escolar e para os demais enfermos. Durante a pandemia, não se afastou, mas agiu transformando as finalidades sociais institucionais, conformando a escola num lugar de benemerência.

[...] auxiliada por medicos, tratou, desveladamente, das creanças, que, nella encontraram carinhos verdadeiramente maternas.

[...] creou no Instituto Orsina da Fonseca um posto de soccorros, para a distribuição de alimentos ás pessoas necessitadas.

Desde logo o posto entrou a ser frequentado por centenaes de indivíduos humildes, desamparados, para os quaes a vida se transformára num verdadeiro inferno, vendo as familias, nos pobres infelizes lares, sem nenhum recurso, e, que é mais, ardendo em febre, dominadas pela peste de Dakar. (POSTO DE SOCCORROS NO INSTITUTO..., 1918, p.1).

Os números de atendimento prestados eram notáveis. Diariamente se distribuíam pão e caldo a cerca de 300 pobres. E ao receber donativos da Saúde Pública, que geralmente eram medicamentos diversos, e alimentos do Comissariado da Alimentação Pública, aquele posto de socorros registrou o seguinte movimento na data de 2 de novembro: “Visitas medicas domiciliaries, dia 29, 5; dia 30, 8; dia 31, 6; dia 1º., 4. Foram distribuidos soccorros nos dias 29, 30, 31 e 1º., sendo: em medicamentos a 123 pessoas, em mantimentos e outros, a 219 pessoas (POSTO DE SOCCORRO DA ESCOLA..., 1918, p.1). Concluía-se, então, pela sua atuação exemplar em meio às exigências de mitigação dos tantos sofrimentos da população pobre da cidade.

Mediante nossas análises sobre as “novas” atividades escolares nos primeiros dias de novembro de 1918, constatamos que na maior parte das escolas municipais, devido ao fato do espaço físico continuar sendo ocupado pelos postos de socorro, era natural que as aulas seguissem suspensas. E a cessação dos trabalhos escolares foi anunciada pela prefeitura municipal da cidade do Rio de Janeiro na edição do dia 13 de novembro.

O prefeito, ao contrario do que estava assentado, resolveu considerar encerrado o anno lectivo nas escolas primarias e em todos os outros estabelecimentos de ensino municipaes, á excepção da Escola Normal, cujas aulas recomearão hoje, 13, e funcçãoarão até 15 do proximo mez de dezembro. (AS ESCOLAS MUNICIPAES, 1918, p.2).

O tempo passava. Não obstante os anúncios de que a epidemia perdia força e da retomada de atividades em alguns setores da organização sociocultural carioca, inclusive no campo da educação escolar, o cotidiano ainda fornecia insumos para matérias em que a gripe mostrava seu mórbido poder. Surgiram pronunciamentos assinados, geralmente sob tom ácido: “[...] veio demonstrar a mais completa desorganização dos variados serviços publicos, que alias custam verbas fabulosas ao Thesouro. Provou-se que tudo está por fazer...” (ECOS..., 1918, p. 2). Lemos também:

A epidemia revelou a completa deficiencia da nossa defesa sanitaria, e a desorganização de serviços destinados a acautelar o supremo interesse da saude e vida da população.

[...] é verdade, entretanto, que a sua propagação não seria tão rápida e em tamanha proporção, se a epidemia não encontrasse os nossos serviços sanitários no estado lastimoso em que testemunhámos. (VIDAL, 1918, p.2).

A doença não distinguia a quem infligir. Por isso, estimamos que, apesar das críticas à gestão do combate a esses desdobramentos da pandemia da gripe espanhola no contexto brasileiro, algumas das medidas tomadas, tal como a implantação dos postos de socorro em escolas situadas não apenas nas regiões centrais, mas naquelas suburbanas, assim como a busca por melhores condições de alimentação aos enfermos - em que limões, ovos e galinhas tiveram um inusitado destaque -, em alguma medida contribuíram para minimizar os danos à população.

Colocamos em evidência, sobretudo, os impactos havidos no trabalho docente: não houve a possibilidade de integralizar o atendimento nas disciplinas previstas no currículo. Além disso, uma das consequências vinculadas ao contexto pandêmico foi o adiamento dos exames finais para o ano seguinte em escolas da rede pública, divulgado em 7 de dezembro: “Como já noticiámos, os exames finais das escolas publicas serão realizados na 2ª quinzena de março...” (OS EXAMES FINAIS..., 1918, p.3). Na rede municipal carioca, o ano letivo de 1918 foi encerrado sem que os estudantes retornassem às classes.

INSTITUIÇÕES ESCOLARES E COVID-19: ESCOLAS FECHADAS, ENSINO REMOTO

Quando, em março de 2020, a Organização Mundial da Saúde reconheceu que o mundo vivia a pandemia da Covid-19, o vírus já circulava nos cinco continentes, milhares de pessoas estavam doentes e o número de mortes crescia. As pessoas foram orientadas a ficar em casa, mantendo o distanciamento físico ou o isolamento, conforme as circunstâncias. Segundo ponderam Couto et al. (2020), a primeira reação frente a uma pandemia é quase sempre de perplexidade diante de um mal que avança sem controle, e, consequentemente, emerge a negação: e os governantes costumam demorar na adoção de medidas sanitárias. Porém, gerando incertezas, governos insistiram em negar a doença, posição em que se destacou o presidente do Brasil. Frente a esse panorama, Carvalho (2020) afirma que o negacionismo e o descaso governamentais foram os modos mais expressivos e trágicos para enfrentar a Covid-19 no Brasil.

Tal desleixo atingiu as ciências, com a desvalorização dos conhecimentos, técnicas e ações dos especialistas, sobretudo de infectologistas, contribuindo para o crescimento descontrolado da doença. Diante da falta de medicamentos eficazes, o presidente brasileiro se tornou “garoto-propaganda” da cloroquina, um remédio criticado pela maioria da comunidade científica internacional e sem eficácia comprovada para a Covid-19. Mesmo assim, parte da população correu para as farmácias. Um século depois da gripe espanhola, presenciemos a reedição histórica de indicação e propaganda de medicação e receitas caseiras sem comprovação médica (JUNQUEIRA; CARDOSO, 2021).

Foi preciso ampliar a infraestrutura de saúde, sobretudo a pública. Parte da solução residiu na instalação de hospitais de campanha, aumentando a quantidade de leitos em enfermarias e de Unidades de Terapia Intensiva (UTI). Ao menos nas capitais e algumas grandes cidades, centros móveis de saúde foram construídos. Mas a falta de planejamento foi a regra. Os noticiários ressaltaram a corrida dos governantes para comprar insumos hospitalares: materiais de proteção para profissionais de saúde e pacientes, medicamentos e, principalmente, respiradores artificiais. Tais produtos, com demandas crescentes em praticamente todos os países, rapidamente sumiram do mercado. Os preços disparavam e toda sorte de exploração comercial entrava em cena. Essa longa espera pelos equipamentos matou milhares de pessoas (VALERY, 2020).

Os grandes investimentos financeiros possibilitaram vários golpes, como produtos comprados e não recebidos, ausência de licitação e transparência nas transações. Num país tradicionalmente marcado pela corrupção de governantes e empresários, o contexto pandêmico rapidamente se converteu em mais uma oportunidade para o desvio dos recursos (FREIRE, 2020). Hospitais foram montados e desmontados sem atenderem a um paciente sequer, obras adiantadas foram abandonadas; equipamentos superfaturados, comprados e pagos à vista, nunca foram recebidos e políticos passaram a ser acusados de volumosos desvios de verbas (RESENDE, 2020). Enquanto isso, pessoas enfrentavam a superlotação, morriam sem atenção ou em função de atendimentos precários. Profissionais de saúde, médicos e enfermeiros apareciam esgotados física e emocionalmente, em função da carga horária superelevada de trabalho, da impotência nos atendimentos por causa da falta de medicamentos e equipamentos; muitos ainda ficaram com salários atrasados, aumentando seus dramas profissionais e pessoais (GRAGNANI, 2020). A baixa qualidade da infraestrutura do sistema de saúde interferiu também na segurança dos profissionais da área e parcela significativa desses contraiu a doença. Segundo Cordeiro (2020), na Bahia, mais de 50% dos enfermeiros pegaram a Covid-19.

E com parte considerável da população em casa, as atividades de lazer se concentraram nas telas. A busca por filmes, séries, novelas, jogos eletrônicos, pornografias, festas *online* (SILVA et al., 2020b), livros/*ebooks* e *webnamoro* aumentou, desenvolvendo novos mercados e tipos de consumo (Silva et al., 2020a).

Dados esses contextos, a seguir caracterizamos como a Covid-19 afetou a educação escolar nos primeiros meses de pandemia. No Brasil, os recursos humanos e a infraestrutura técnica para atender aos doentes exigiram especificidades que as instituições escolares, mesmo que transformadas em postos de socorro, a exemplo do que vimos na época da gripe espanhola, não teriam condições de oferecer.

De acordo com Preciado (2020), com as interações presenciais suspensas, restou a condição técnica para a vida *online*. Na medida do possível, as moradias se tornaram centrais de comunicação, por meio das quais o social e o viver foram articulados. Uma palavra

de ordem se popularizou: *home office*. Ou seja, os locais de trabalho e, também, aqueles de estudo foram redesignados (MELLO, 2020).

No que tangia ao campo educacional, verificamos que foi mais por iniciativa de administradores públicos estaduais e municipais, em muitos casos associados à ação de gestores da educação básica e superior, que as instituições escolares foram fechadas. Professores e alunos foram instados a permanecer em casa. Sendo as escolas espaços de convivência, foram consideradas como lugares que poderiam favorecer a difusão da doença em larga escala. A consequência foi que as aulas e outras atividades educativo-formativas presenciais foram interrompidas em todo o território nacional (GUARACY, 2021).

O ensino remoto passou a ser o meio indicado para manter em movimento as mais diversas atividades escolares: atender alunos, garantir o andamento dos cursos, amenizar os estragos da suspensão das aulas presenciais, articular modos de ensinar e aprender, produzir e difundir conhecimentos durante a pandemia (ANDRADE; MACHADO, 2020). Além de aulas *online*, professores passaram a atuar em seminários, congressos e numa infinidade de debates sobre os mais diversos temas em rede. Desse modo, buscaram manter os alunos conectados e desenvolver outras estratégias de ensino e aprendizagem (NONATO et al., 2021).

O ensino remoto preconizou a vivência em tempo real das aulas. Grosso modo, isso significou recriar a rotina de sala de aula em um ambiente virtual acessado por cada um, de diferentes localidades. Lisboa (2020) destacou que universidades de todo o mundo adotaram o ensino remoto durante a pandemia. No Brasil não foi diferente. De acordo com Sene (2020), o ensino remoto consistiu no principal desafio para o ensino público brasileiro durante a pandemia. As instituições escolares usaram o modelo da adesão voluntária: os professores foram obrigados a oferecer cursos *online*, mas a matrícula foi uma escolha dos alunos (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA..., 2020).

Para o ensino remoto acontecer, os professores tiveram que transformar ou adequar suas casas a salas de aula, adaptando e desenvolvendo conteúdo nos formatos digital e *online*. Sem ou com raro apoio institucional, eles tiveram que arcar com os custos e os desafios da tecnologia e aprender, rapidamente, a usar as plataformas digitais. Problemas de muitas ordens apareceram e tiveram que encontrar soluções apressadas: garantir e custear a infraestrutura tecnológica, ampliar o acesso à internet. Além disso, viram esses empecilhos se agravarem entre núcleos familiares pobres, que enfrentam dificuldades para a conectividade necessária. De muitos modos, o ensino remoto revelou e ampliou a exclusão digital, intimamente relacionada à imensa desigualdade social e educacional já vivida (VEIGA-NETO, 2021). Os docentes também tiveram que conviver com a carga horária ampliada, uma vez que o atendimento passou a acontecer em qualquer momento, dia e noite, fins de semana e feriados. O lar convertido em sala de aula os colocou num tempo contínuo de trabalho, sem pausa e sem descanso. Resultado: professores exaustos (NAPOLITANO, 2020). Ficou cada vez mais difícil separar vida pessoal, familiar e profissional.

Como resultante da sobrecarga laboral e do aumento de pressões de ordem diversa, muitos professores adoeceram. Os relatos de insônia, irritabilidade e fadiga intensa se multiplicaram. Uma psicóloga declarou, numa entrevista a Emiliana (2020), que o excesso de trabalho levava os docentes à exaustão. Dentre os principais fatores que impactam a saúde emocional dos professores na quarentena³, apontou as transformações bruscas impostas pelo ensino remoto, que exigiram o desenvolvimento de habilidades e competências em grande velocidade.

Outro problema que mereceu amplo debate foi a proteção de dados de professores, alunos e familiares. O alerta residiu no fato de que era preciso cuidados com a proteção de dados sensíveis, principalmente de crianças e adolescentes, que passaram a trafegar nas redes montadas para o ensino remoto. Indicou-se a necessidade de que órgãos como os Tribunais de Conta buscassem averiguar se as plataformas adotadas pelos governos, ou contratadas de empresas privadas, faziam uso dos dados dos agentes da educação, tais como pertencimento étnico-racial, convicções religiosas ou políticas, questões biométricas e relacionadas à saúde e à vida sexual (RIBEIRO, 2020).

Todavia, enquanto as experiências com o ensino remoto, entre acertos e desacertos, iam acontecendo, aumentaram também as pressões para o retorno às aulas presenciais. Mesmo com a pandemia em curso, as discussões sobre as condições sanitárias e os protocolos de segurança para a volta às aulas presenciais estavam por toda parte, animando alguns, desesperando outros. Conforme Santos (2020), estes debates foram tensos e ressaltaram a complexidade da questão em meio à “cruel pedagogia do vírus”.

Mas as desconfianças de professores, pais e alunos foram ainda maiores. Os receios aumentaram diante de escolas que reabriram e tiveram que ser fechadas novamente por causa do aumento de casos de contaminação, como aconteceu, por exemplo, na França (FRANÇA..., 2020) e na Alemanha (NOVOS..., 2020), além dos Estados Unidos, onde os casos de Covid-19 entre crianças aumentaram em 90% após o retorno das aulas presenciais (MELITO, 2020). Algo semelhante ocorreu no Brasil, quando, em Manaus, um terço dos professores foi contaminado num intervalo de quinze dias após a reabertura das escolas (ILHÉU, 2020).

Tais fatos mostraram que a reabertura das instituições escolares durante a pandemia foi precipitada, exigindo mais estudos, atenção, planejamento, proteção e cuidado com a vida dos diversos atores educacionais. Apesar das pressões de empresários da educação e de políticos para o retorno às aulas presenciais, uma pesquisa do Instituto Datafolha revelou que 79% acreditam que a reabertura das escolas agravaria a pandemia e que as es-

3 Quarentena é a restrição de atividades ou separação de pessoas que foram presumivelmente expostas a uma doença contagiosa, mas que não estão doentes. A quarentena pode ser aplicada em nível individual [...] ou para contatos próximos de caso suspeito ou confirmado de coronavírus; ou em nível coletivo [...]: quarentena de um navio, um bairro ou uma cidade. (TELESSAÚDERS, 2020).

colas deviam permanecer fechadas (PALHARES, 2020). Mesmo diante desses resultados, algumas escolas foram reabertas, embora com presença reduzida de alunos.

No começo de 2021 duas vacinas contra a Covid-19, a Coronavac e a AstraZeneca, começaram a ser aplicadas, mas o número de vacinas era limitado, e o ritmo da vacinação, lento. Os grupos prioritários foram idosos acima dos 60 anos e profissionais da saúde. Após cem dias do começo do Plano Nacional de Imunização do Governo Federal, metade dos idosos ainda não tinha sido imunizada com as duas doses da vacina (BERGAMO, 2021). Mesmo com tais limitações, profissionais como policiais e bombeiros, por exemplo, foram incluídos nos grupos prioritários. Já em estados como São Paulo, Rio de Janeiro e Bahia, os profissionais da educação também começaram a ser vacinados. Na Bahia, especificamente, os profissionais da Educação Básica, acima de 19 anos e, os do Ensino Superior, acima de 40 anos, receberam a primeira dose do imunizante (VILLAR, 2021). Vacinar os educadores fez parte das demandas de governos estaduais e municipais, mas também de empresários do setor educacional, que buscavam a reabertura das escolas com suposta segurança e garantir o retorno presencial ou do denominado modo híbrido.

Para a maioria, no entanto, foi o ensino remoto que seguiu mobilizando as ações escolares. Sem perspectiva para o fim da pandemia da Covid-19, uma Resolução do Conselho Nacional de Educação (CNE) estendeu a permissão de atividades remotas para a Educação Básica e Superior, pública e particular, até o fim de 2021 (SALDAÑA, 2020). Apesar dos problemas decorrentes da falta de planejamento e de políticas públicas adequadas, a adoção dessa modalidade, em todos os níveis de ensino, mostrou que as instituições escolares sofreram alterações na sua forma de organização e funcionamento, colocando professores e alunos em rede, embora a finalidade social das escolas não seja alterada na sua essência, como aconteceu no caso da transformação de escolas em postos de socorro durante o momento em que a gripe espanhola assolou o Rio de Janeiro. Igualmente, de acordo com Bacich e Moran (2017), esse foi um momento histórico em que muitos agentes educacionais aperfeiçoaram e criaram novas estratégias de metodologias ativas, destinadas a dinamizar e impulsionar as experiências de ensinar e aprender em ambientes colaborativo, mesmo que diante de novos tempos de incertezas, durante e no pós-pandemia (NEVES, 2020).

Com o ensino remoto, em muitos aspectos a pandemia da Covid19 desafiou e inovou as práticas pedagógicas, pois a educação não podia se subtrair às contingências do momento histórico em que se insere e não podia se isolar da cultura digital. Neste sentido, Morin (2020), destacou que foi preciso que esta crise sanitária, econômica, cultural e educacional abrisse o nosso espírito para a solidariedade, o convívio marcado pela promoção da saúde física e mental, pelo cuidado de si e dos outros, para a reinvenção da vida e dos modos de viver.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em ambos os dramáticos contextos históricos, o da gripe espanhola e o da pandemia da Covid-19, as instituições escolares e os professores foram e continuam sendo agentes transformadores nas relações de cuidado das pessoas. Diante disso, é possível afirmar que essas pandemias oportunizaram o desenvolvimento de pedagogias estratégicas para a preservação da saúde física e mental e para o cuidado de si, ao mesmo tempo em que problematizam as finalidades sociais das instituições escolares e as funções dos agentes educacionais.

Em acordo com os resultados do estudo de Santos (2021), ratificamos que os postos escolares de socorro podem ser entendidos como uma solução de bons efeitos no combate aos males causados pela epidemia de gripe espanhola. Submetidas à gestão de professores e outros profissionais da educação, que se aliaram a médicos e outros atores, assim como à administração, as escolas municipais do Rio de Janeiro sediaram um momento de atuação humana impactante, que acrescenta ainda mais aos relatos historiográficos sobre a atividade positiva das instituições escolares junto à população pobre.

A busca por narrativas sobre a epidemia da gripe espanhola no Rio de Janeiro, embasada pela escrita de um jornal diário de grande circulação, trouxe à tona possibilidades adicionais de tratamento do fenômeno histórico. Numa escrita que mesclou relatos matizados de tragicidade e outros quase cômicos, ficam também indicados a força metodológica e o fecundo potencial da escolha realizada. A utilização de periódicos como fonte documental pode nos ajudar a ampliar as análises sobre como, ao longo da história, foi gerado um conjunto de explicações e respostas matizadas por fatores sociais, econômicos, políticos e educacionais.

É fato, ainda, que as duas pandemias desvelaram faces das desigualdades socioculturais e econômicas. O Rio de Janeiro de 1918, como o Brasil dos tempos de Covid-19, se caracterizava pela ausência de condições dignas de vida para muitos, distantes do acesso às condições sanitárias elementares. E a desinformação da população foi uma presença nos dois períodos pandêmicos: há mais de cem anos ocasionando uma guerra por galinhas, ovos e limões, além da busca por medicamentos não apropriados; nos tempos atuais, dada uma infodemia que grassa nas diversas mídias sociais, também com efeitos deletérios.

Sob perspectiva congênere, as análises que desenvolvemos sobre as relações entre a epidemia da gripe espanhola e as escolas ressaltam pedagogias desenvolvidas para o enfrentamento da doença semelhantes àquelas vinculadas à pandemia da Covid-19. Consideramos que o fato mais importante, nos dois momentos, foi que as escolas foram fechadas, mas não pararam de funcionar. No primeiro caso estudado, os professores assumiram um protagonismo fundamental no engajamento comunitário. Na atual pandemia, as atividades escolares migraram, em velocidade surpreendente, das salas de aulas físicas para as redes interativas e colaborativas.

As críticas dirigidas aos governantes, nas duas pandemias, apontam que o negacionismo da gravidade da doença, a desvalorização da ciência, as orientações contraditórias de prevenção, as políticas públicas oportunistas e o desrespeito à vida prolongam o estado pandêmico. Sobretudo, mesmo diante dos aspectos políticos, econômicos e sociais de situações tão desfavoráveis que analisamos, destacamos outra conclusão: o protagonismo de professores nas instituições escolares, frente às adversidades criadas pela gripe espanhola e pela Covid-19, um protagonismo que, hoje, tende a ser maior com a vacinação desses profissionais.

REFERÊNCIAS

- A AARCHAICA pharmacia. (1913, out. 7). **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 7 out. 1913.
- A EPIDEMIA. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 2 nov. 1918.
- A EPIDEMIA da “grippe” toma cada vez maior vulto. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 15 out. 1918.
- A EPIDEMIA DE “GRIPPE” continúa a alastrar-se alterando completamente o aspecto da cidade. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 6 out. 1918.
- A EPIDEMIA DE “GRIPPE” CONTINÚA a assolar o Rio de Janeiro, tomando as proporções de verdadeiro flagello. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 17 out. 1918.
- A ESCOLA MILITAR fechada. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 15 out. 1918.
- A “GRIPPE” ALASTRA-SE. Vinte mil pessoas atingidas pela epidemia. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 14 out. 1918.
- A “GRIPPE” NOS NOSSOS QUARTEIS e o estado sanitario da cidade **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 10 out. 1918.
- AINDA O TERRÍVEL MAL que victimou os nossos marujos, nas costas africanas – a Missão Medica brasileira tambem atingida pelo morbus, a bordo do “La Plata”. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 23 set. 1918.
- A “INFLUENZA HESPANHOLA” irrompeu nos navios brasileiros em operações de guerra. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 22 set. 1918.
- ANDRAD, J., MACHADO, M. Com aulas suspensas, professores e alunos migram para ensino a distância. *Correio Brasiliense*, 3 mar. 2020. https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2020/03/22/interna_cidadesdf,835841/com-aulas-suspensas-professores-e-alunos-migram-para-ensino-a-distanc.shtml. Acesso: 06 dez. 2021.
- AOS SNRS. MEDICOS. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 12 out. 1918.
- AS ESCOLAS MUNICIPAES. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 13 nov. 1918.
- AS PROVIDENCIAS do prefeito. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 16 out. 1918.
- A VENDA de gallinhas. Em São Diogo. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 23 out. 1918.
- BACIC, L., MORAN, J. **Metodologias Ativas para uma Educação Inovadora: Uma Abordagem Teórico-Prática**. Porto Alegre: Penso Editora, 2017.
- BERGAMO, M. Metade dos idosos brasileiros ainda não tomaram segunda dose de vacina contra a Covid-19. **Folha de São Paulo**, 07 mai, 2021. <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/monica->

- bergamo/2021/05/metade-dos-idosos-brasileiros-ainda-nao-tomaram-segunda-dose-de-vacina-contr-a-covid-19.shtml**. Acesso: 28 nov. 2021.
- BRITO, N. A. de. La dansarina: a gripe espanhola e o cotidiano na cidade do Rio de Janeiro. **História, Ciências, Saúde - Manguinhos**, IV(1), 11-30, 1997.
- CARVALHO, B. Cercados pela morte, nos submetemos a um governo que a promove. **Folha de São Paulo**, 03 out. 2020. <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/bernardo-carvalho/2020/10/cercados-pela-morte-nos-submetemos-a-um-governo-que-a-promove.shtml>. Acesso: 02 dez. 2021.
- CARVALHO, C. H.; ARAÚJO, J. C. S.; GONÇALVES NETO, W. Discutindo a história da educação: a imprensa enquanto objeto de análise histórica (Uberlândia-MG, 1930-1950). In: ARAÚJO, José Carlos S., GATTI JÚNIOR, Décio (Orgs.). **Novos temas em história da educação brasileira: instituições escolares e educação na imprensa**. São Paulo; Uberlândia: Autores Associados, EDUFU, 2020, p.67-89.
- CELLARD, A. A análise documental. In: Poupart, J. et al. (Orgs.). **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos** (pp. 295-316). Petrópolis: Vozes, 2008.
- CORDEIRO, H. Mais de 50% dos trabalhadores de enfermagem na Bahia pegaram covid-19. **Correio da Bahia**, 13 out. 2020. <https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/mais-de-50-dos-trabalhadores-de-enfermagem-na-bahia-pegaram-covid-19/>. Acesso: 12 nov. 2021.
- COUTO, E. S., COUTO, E. S., & CRUZ, I. M. P. #FiqueEmCasa: Educação na pandemia da Covid-19. **Interfaces Científicas – Educação**, 8(3) 2020. <https://periodicos.set.edu.br/educacao/article/view/8777>.
- ECOS da epidemia de gripe. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 29 dez. 1918.
- EM NICHTEROY. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 15 out. 1918.
- EMILIANA, C. Sobrecarregados pelo ensino remoto, professores podem adoecer em massa, alerta psicóloga. **Estado de Minas Gerais**, 30 jul. 2020. https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2020/07/30/interna_gerais,1171561/sobrecarregados-pelo-ensino-remoto-professores-podem-adoecer-em-massa.shtml. Acesso: 17 nov. 2021.
- FRANÇA fecha 70 escolas uma semana após a volta às aulas devido a novos casos de Covid-19. **G1**, 19, mai. 2020. <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2020/05/19/franca-fecha-70-escolas-uma-semana-apos-a-volta-as-aulas-devido-a-novos-casos-de-covid-19.ghtml>. Acesso em 05 dez. 2021.
- FREIRE, V. T. Roubança do coronavírus expõe crise política maior no país. **Folha de São Paulo**, 15 out. 2020.. https://www1.folha.uol.com.br/colunas/viniciustorres/2020/10/roubanca-do-coronavirus-expoe-crise-politica-maior-no-pais.shtml?utm_source=twitter&utm_medium=social&utm_campaign=comptw. Acesso: 28 nov. 2021.
- GALLINHAS para o “S. Sebastião”. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 22 out. 1918.
- GUARACY, T. **A era da intolerância: o início do século XXI e o desafio da sociedade democrática**. São Paulo: Matrix, 2021.

HEPATOLAXINA e a influenza hespanhola. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 29 set. 1918.

ILHÉU, T. O que o caso de Manaus diz sobre a volta às aulas no Brasil. **Guia do Estudante**, 04 set. 2020. <https://guiadoestudante.abril.com.br/atualidades/o-que-o-caso-de-manaus-diz-sobre-a-volta-as-aulas-no-brasil/>. Acesso: 04 dez. 2021.

INFLUENZA HESPANHOLA. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 29 set. 1918.

JUNQUEIRA, D., CARDOSO, J. Charlatanismo e propaganda irregular: as violações de Bolsonaro ao exibir 18 vezes marca de cloroquina para a Covid. **Repórter Brasil**, 04 ago. 2021. <https://repoterbrasil.org.br/2021/08/charlatanismo-e-propaganda-irregular-as-violacoes-de-bolsonaro-ao-exibir-18-vezes-marca-de-cloroquina-para-covid/>. Acesso: 16 nov. 2021.

LISBOA, A. P. . Universidades de todo o mundo adotam aulas on-line durante a pandemia. **Diário Brasiliense**, 18 mar .2020. https://www.correiobrasiliense.com.br/app/noticia/eu-estudante/ensino_ensinosuperior/2020/03/18/interna-ensinosuperior-2019,835070/universidades-de-todo-o-mundo-adotam-aulas-on-line-durante-a-pandemia.shtml. Acesso: 24 nov. 2021.

MELITO, L. Casos de covid-19 entre crianças disparam após retorno das aulas presenciais nos EUA. **Brasil de Fato**, 28 ago. 2020. <https://www.brasildefato.com.br/2020/08/28/casos-de-covid-19-entre-criancas-disparam-apos-retorno-das-aulas-presenciais-nos-eua>. Acesso: 04 dez. 2021.

MELO, J. R; DUARTE, E. C; MORAES, M. V.; FLECK, Karen; ARRAIS, P. S. D. Automedicação e uso indiscriminado de medicamentos durante a pandemia da COVID-19. **Cad. Saúde Pública** 2021; 37(4):e00053221.

MELLO, D. *Home office* foi adotado por 46% das empresas durante a pandemia. **Agência Brasil**, 28 jul. 2020. <https://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2020-07/home-office-foi-adotado-por-46-das-empresas-durante-pandemia>. Acesso: 26 out. 2021.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA autoriza que atividades remotas passem a valer como carga horária. **G1**, 06, fev. 2020. <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2020/06/02/mec-autoriza-que-atividades-remotas-passem-a-valer-como-carga-horaria.ghtml>. Acesso: 23 nov. 2021.

NAS ESCOLAS MUNICIPAES. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 12 out. 1918.

NEVES, J. R. C. (Org.). **O mundo pós-pandemia**: reflexões sobre uma nova vida. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2020.

NONATO, E. R. S., SALES, M. V. S., CAVALCANTE, T. R. Cultura digital e recursos pedagógicos digitais: um panorama da docência na Covid-19. **Revista Praxis Educacional**, 17 (45), 2021. <https://periodicos2.uesb.br/index.php/praxis/article/view/8309>.

MORIN, E. *Cette crise devrait ouvrir nos esprits depuis longtemps confinés sur l'immédiat*. **Le Monde**, 19 abr. 2020. <http://lirelactu.fr/source/le-monde/80df7764-dea6-4463-a291-d8fc560ebc7f>. Acesso : 27 nov. 2021.

NAPOLITANO, C. Dois meses de suspensão de aulas: o trabalho brutal de professores em uma quarentena sem folga. **FEPESP**, 22 mai. 2020. <http://fepesp.org.br/noticia/dois-meses-de-suspen>

[sao-de-aulas-o-trabalho-brutal-de-professores-em-uma-quarentena-sem-folga/](#). Acesso: 02 dez. 2021.

NASCIMENTO, D. R.; VIANNA, E. S.; MORAES, M. MÔNICA C.; SILVA, D S. F.. O indivíduo, a sociedade e a doença: contexto, representação social e alguns debates na história das doenças. **Khronos**, 2018, 6(17), 31-47. <https://doi.org/10.11606/khronos.v0i6.150982>.

NOVOS casos de Covid-19 obrigam Alemanha a fechar escolas uma semana após volta às aulas. **G1**, 07 ago. 2020. <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2020/08/07/novos-casos-de-covid-19-obrigam-alemanha-a-fechar-escolas-uma-semana-apos-volta-as-aulas.ghtml>. Acesso: 26 nov. 2021.

O INSTITUTO João Alfredo. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 14 out. 1918.

O LIMÃO por um preço exorbitante. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 15 out. 1918.

O PRESIDENTE da Republica ordenou hontem a installação de novos postos-hospitaes em varios pontos da cidade. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 23 out. 1918.

OS BONDES de passageiros podem conduzir cargas para alimentos. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 24 out. 1918.

OS CRIADORES de gallinhas e o Commissariado. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 24 out. 1918.

OS EXAMES FINAES das escolas publicas. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 7 dez. 1918.

OS POSTOS de soccorros municipaes. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 17 out. 1918.

PALHARES, I. 79% dos brasileiros dizem que reabertura de escolas agravará a pandemia, mostra Datafolha. **Folha de São Paulo**, 17 ago. 2020. <https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2020/08/79-dos-brasileiros-dizem-que-reabertura-de-escolas-agravara-a-pandemia-mostra-datafolha.shtml>. Acesso: 04 dez. 2021.

POSTO DE SOCCORROS NO INSTITUTO Orsina da Fonseca. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 3 nov. 1918.

PRECIADO, P. B. Aprendiendo del virus. In: Amadeo, P. (Ed.) **Sopa de Wuhan**. Editorial ASPO, 2020.

PROCURANDO gallinhas... **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 24 out. 1918.

RESENDE, L. Entre burocracia e denúncias de corrupção, Rio aguarda abertura de 3.131 leitos. **CNN Brasil**, 07 mai. 2020. <https://www.cnnbrasil.com.br/saude/2020/05/07/entre-burocracia-e-denuncia-de-corrupcao-rio-aguarda-abertura-de-3131-leitos>. Acesso: 28 nov. 2021.

REUNIÃO de professores municipaes. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 27 out. 1918.

RIBEIRO, C. Aulas remotas: Tribunais alertam sobre possível uso de dados de alunos e professores. **Notícias & Concursos**, 12 jul. 2020. <https://noticiasconcursos.com.br/noticias-concursos/aulas-remotas-tribunais-uso-de-dados/>. Acesso: 03 dez. 2021.

SALDAÑA, P. Conselho de Educação permite aula remota até fim de 2021 no ensino básico e no

superior. **Folha de São Paulo**, 06, jun. 2020. <https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2020/10/conselho-de-educacao-permite-aula-remota-ate-fim-de-2021-no-ensino-basico-e-no-superior.shtml>. Acesso: 17 nov. 2021.

SALVADOR, A. D. **Métodos e técnicas de pesquisa bibliográfica**. Porto Alegre: Sulina, 1970

SANTOS, A.V. . Escolas como postos de socorros: instituições escolares na epidemia de gripe espanhola no Rio de Janeiro (1918). **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 42, n. 87, 2021.

SANTOS, B. S. **A cruel pedagogia do vírus**. São Paulo: Boitempo, 2020.

SAVIANI, D. História da história da educação no Brasil: um balanço prévio e necessário. **EccoS**, São Paulo, v.10, n. ESPECIAL, p.147-167, 2008.

SENE, A. Ensino remoto: desafios para o ensino público brasileiro durante a pandemia da Covid-19. **Jornal da ADUFEPE**, 10 jul. 2020. <http://www.adufepe.org.br/ensino-remoto-desafios-para-o-ensino-publico-brasileiro-durante-a-pandemia-da-covid-19/>. Acesso: 21 nov. 2021.

SILVA, J. F., JUNIO, A. O. S. e COUTO, E. S. Amor, sexo e distância física: pedagogias do Webn-moro na pandemia da Covid-19. **Educação em Questão**, 58(58), 2020a) <https://periodicos.ufrn.br/educacaoemquestao/article/view/21741>.

SILVA, P., LIMA, D., COUTO E. S. Lives de festas nos tempos da COVID-19: arranjos, vínculos e performances. **Revista Brasileira de Pesquisa (auto)biográfica**, 5(16), 503-1517, 2020b). <https://www.revistas.uneb.br/index.php/rbpab/article/view/8723>.

SOCCORROS para a população suburbana. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 23 out. 1918.

TELESSAÚDERS. **Qual a diferença de distanciamento social, isolamento e quarentena?** 2020. https://www.ufrgs.br/telessauders/posts_coronavirus/qual-a-diferenca-de-distanciamento-social-isolamento-e-quarentena/.

VALERY, G. Hospitais de campanha para a covid-19 no Brasil: uma história de atrasos e falta de planejamento. **Rede Brasil Atual**, 23 ago. 2020. <https://www.redebrasilatual.com.br/saude-e-ciencia/2020/08/hospitais-de-campanha-para-a-covid-19-no-brasil-uma-historia-de-atrasos-e-falta-de-planejamento/>. Acesso: 28 nov. 2021.

VARIAS notas. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 15 out. 1918.

VEIGA-NETO, A. Mais uma Lição: sindemia covídica e educação. **Revista Educação & Realidade**, 45(4), 1-20, 2020..

VIDAL, G. Saude publica. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 28 nov. 1918.

World Health Organization. **Coronavírus**. 2020. https://www.who.int/health-topics/coronavirus#tab=tab_1

VILLAR, M. Trabalhadores de educação começam a ser vacinados contra covid-19 no dia 26. **Correio da Bahia**, 16 abr. 2021. <https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/trabalhadores-de-educacao-comecam-a-ser-vacinados-contr-covid-19-no-dia-26/> Acesso: 05 dez. 2021.